

# REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO I

AGOSTO DE 1858

N<sup>o</sup> 8

## Contradições na Linguagem dos Espíritos<sup>46</sup>

As contradições encontradas muito freqüentemente na linguagem dos Espíritos, mesmo sobre questões essenciais, foram, até hoje, para certas pessoas, uma causa de incerteza quanto ao valor real de suas comunicações, circunstância da qual não deixaram os adversários de tirar partido. Com efeito, à primeira vista essas contradições parecem ser uma das principais pedras de tropeço da ciência espírita. Vejamos se elas têm a importância que lhes atribuem.

Perguntaremos, em primeiro lugar, qual a ciência que não apresentou, em seus primórdios, semelhantes anomalias? Em suas investigações, que sábio não foi muitas vezes confundido por fatos que pareciam lançar por terra as regras estabelecidas? Se a Botânica, a Zoologia, a Fisiologia, a Medicina e nossa própria língua não nos oferecem milhares de exemplos e se suas bases não desafiam toda contradição? É comparando os fatos, observando as analogias e as dessemelhanças que se chega, pouco a pouco, a estabelecer as regras, as classificações, os princípios: numa palavra, a constituir a Ciência. Ora, o Espiritismo apenas começa a despontar; não é, pois, de admirar que se submeta à lei comum, até que seu estudo esteja completo. Só então se reconhecerá que aqui, como em todas as coisas, a exceção quase sempre vem confirmar a regra.

Não obstante, em todas as épocas os Espíritos nos têm dito para não nos inquietarmos com essas pequenas divergências e que, dentro de pouco tempo, todos seriam levados à unidade de crença. Essa predição por certo se realiza a cada dia, à medida que se penetra mais adiante nas causas desses fenômenos misteriosos e os fatos são mais bem observados. Já as dissidências que se manifestaram na origem tendem evidentemente a enfraquecer-se; pode-se mesmo dizer que resultam, agora, apenas de opiniões pessoais isoladas.

Se bem esteja o Espiritismo em a Natureza, e tenha sido conhecido e praticado desde a mais remota Antigüidade, é fato notório que em nenhuma outra época foi tão universalmente espalhado quanto hoje. É que outrora faziam dele um estudo misterioso, ao qual o vulgo não era iniciado; conservou-se por uma tradição, que as vicissitudes da Humanidade e a ausência dos meios de transmissão enfraqueceram insensivelmente. Os fenômenos espontâneos, que vez por outra jamais deixaram de produzir-se, passaram despercebidos ou foram interpretados segundo os preconceitos ou a ignorância da época ou, ainda, explorados em proveito dessa ou daquela crença. Estava reservado ao nosso século, onde o progresso recebe um impulso incessante, tornar clara uma ciência que, por assim dizer, somente existia em estado latente. Não foi senão há poucos anos que os fenômenos foram observados seriamente. Na realidade o Espiritismo é uma ciência nova que se implanta pouco a pouco no espírito das massas, esperando ocupar uma posição oficial. De início essa ciência pareceu bem simples; para as pessoas superficiais, consistia na arte de fazer girar as mesas; contudo, por suas ramificações e conseqüências, uma observação mais atenta revelou que era, ao contrário, muito mais complexa do que se havia suspeitado. As mesas girantes são como a maçã de Newton que, na sua queda, encerra o sistema do mundo.

Aconteceu com o Espiritismo o que de início acontece com todas as coisas: os primeiros não puderam ver tudo; cada um viu por seu lado e se apressou a transmitir suas impressões conforme

seu ponto de vista e segundo suas idéias ou prevenções. Ora, não é sabido que, de acordo com o meio, o mesmo objeto a uns pode parecer quente, ao passo que outros o acharão frio?

Tomemos ainda outra comparação das coisas vulgares, mesmo que pareça trivial, a fim de nos fazer melhor compreender.

Ultimamente lia-se em diversos jornais: “O cogumelo é um produto dos mais bizarros; delicioso ou mortal, microscópico ou de dimensão fenomenal, confunde, sem cessar, a observação do botânico. No túnel de Doncastre existe um cogumelo que há doze meses se desenvolve, parecendo não haver ainda atingido sua última fase de crescimento. Atualmente mede quinze pés de diâmetro. Veio num pedaço de madeira; é considerado o mais belo espécime de cogumelo que já existiu. Sua classificação é difícil, porque as opiniões estão divididas.” Assim, eis a ciência em grande dificuldade por causa de um cogumelo que se apresenta sob um novo aspecto. Esse fato provocou em nós a seguinte reflexão: Suponhamos vários naturalistas, cada um a observar por seu lado uma variedade desse vegetal: um dirá que o cogumelo é um criptógamo comestível, apreciado pelas pessoas de fino paladar; o segundo, que é venenoso; o terceiro, que é invisível a olho nu; e o quarto, que pode alcançar até quarenta e cinco pés de circunferência, etc. À primeira vista, todas as asserções são contraditórias e pouco apropriadas à fixação das idéias sobre a verdadeira natureza dos cogumelos. Depois virá um quinto observador que reconhecerá a identidade dos caracteres gerais e mostrará que essas propriedades tão diversas constituem, em verdade, subdivisões ou variedades de uma mesma classe. De seu ponto de vista, cada um tinha razão; todos, porém, laboravam em erro, ao concluir do particular para o geral, e ao tomarem a parte pelo todo.

Ocorre o mesmo em relação aos Espíritos. Têm sido julgados conforme a natureza das relações que se teve com eles: uns foram feitos demônios; outros anjos. Depois, por se terem precipitado

para explicar os fenômenos antes que vissem tudo, cada um o fez à sua maneira, buscando-lhes as causas, evidentemente, naquilo em que consistia o objeto de suas preocupações; o magnetista relacionava tudo à ação magnética, o físico à ação elétrica, etc. A divergência de opinião em matéria de Espiritismo origina-se, pois, dos diferentes aspectos sob os quais é considerado. De que lado está a verdade? É o que compete ao futuro demonstrar; mas a tendência geral não poderia oferecer dúvida. Evidentemente, um princípio domina e reúne, pouco a pouco, os sistemas prematuros; uma observação menos exclusiva os unirá todos a uma fonte comum, vendo-se logo que a divergência, definitivamente, é mais de forma do que de fundo.

Compreende-se perfeitamente que os homens elaborem teorias contrárias sobre muitas coisas; entretanto, o que pode parecer mais singular é o fato de os próprios Espíritos poderem entrar em contradição; foi principalmente isso que, no princípio, lançou uma espécie de confusão nas idéias. As diferentes teorias espíritas têm, pois, duas origens: umas desabrocharam do cérebro humano, enquanto as demais foram reveladas pelos Espíritos. As primeiras emanam dos homens que, confiando demasiadamente em suas próprias luzes, crêem ter em mãos a chave daquilo que procuram quando, na maioria das vezes, não encontram senão uma maneira para se promoverem. Nada há nisso de surpreendente; entre os Espíritos, porém, seria inadmissível que uns dissessem uma coisa e os demais falassem outra, o que agora é perfeitamente explicável. A princípio, fez-se uma idéia completamente falsa da natureza dos Espíritos. Foram representados como seres à parte, de natureza excepcional, nada possuindo em comum com a matéria e devendo tudo saber. Segundo opinião pessoal, eram seres benfazejos ou malfazejos, uns com todas as virtudes, os outros com todos os vícios e todos, em geral, com um saber infinito, superior ao da Humanidade.

À notícia das recentes manifestações, o primeiro pensamento que brotou na mente da maior parte das criaturas foi o de buscarem um meio de penetrar em todas as coisas ocultas, uma nova maneira

de adivinhação menos sujeita à dúvida que os processos vulgares. Quem poderia dizer o número dos que sonharam fortuna fácil, pela revelação de tesouros ocultos ou pelas descobertas industriais e científicas, que não teriam custado a seus inventores senão o trabalho de lhes descrever os procedimentos, sob o ditado dos sábios do outro mundo! Só Deus sabe quantas decepções e quantos desapontamentos! Que de pretensas receitas, cada uma mais ridícula que a outra, foram dadas pelos farsistas do mundo invisível? Conhecemos alguém que havia solicitado uma receita infalível para tingir os cabelos; foi-lhe dada uma fórmula de composição, espécie de unguento que fez da cabeleira uma espécie de massa compacta, da qual o paciente teve as maiores dificuldades do mundo para se desembaraçar. Todas essas esperanças quiméricas tiveram que se dissipar à medida que se conhecia melhor a natureza desse mundo e a real finalidade das visitas que nos fizemos seus habitantes. Mas, então, para algumas pessoas que nada faziam, qual era o valor desses Espíritos, que nem sequer tinham o poder de conseguir-lhes alguns milhões? Não poderiam ser Espíritos. A essa febre passageira sucedeu a indiferença e, depois, a incredulidade. Oh! Que de prosélitos teriam feito os Espíritos, se tivessem podido fazer o bem enquanto os outros dormiam! Teriam adorado o diabo, mesmo que tivesse brandido a sua bolsa de moedas.

Ao lado desses sonhadores, havia pessoas sérias que somente viam vulgaridade nesses fenômenos; observaram atentamente, sondaram o recôndito desse mundo misterioso, reconhecendo facilmente, nesses fatos estranhos, se não novos, pelo menos um fim providencial de ordem mais elevada. Tudo mudou de face quando se soube que esses mesmos Espíritos nada mais são que as criaturas que viveram na Terra, cujo número iremos aumentar quando morreremos; que deixaram aqui o seu envoltório grosseiro, como a lagarta deixa a crisálida para transformar-se em borboleta. Não pudemos duvidar quando vimos nossos parentes, amigos e contemporâneos virem conversar conosco e dar-nos provas irrecusáveis de sua presença e identidade. Considerando as inúmeras

variedades que a Humanidade apresenta, do duplo ponto de vista intelectual e moral, e a multidão que diariamente emigra da Terra para o mundo invisível, repugna à razão acreditar que um estúpido samoieda, um feroz canibal, um vil criminoso, sofram com a morte uma transformação que os coloquem no mesmo nível do sábio e do homem de bem. Compreendeu-se, assim, que podia e devia haver Espíritos mais ou menos avançados e, desde então, explicaram-se naturalmente todas essas comunicações tão diferentes, das quais umas se elevam até o sublime, enquanto outras se arrastam na imundície. E foram ainda melhor compreendidas quando se descobriu que o nosso pequeno grão de areia perdido no espaço não era o único habitado, entre tantos milhões de globos semelhantes, ocupando, no Universo, apenas uma posição intermediária, nas proximidades da escala mais inferior; que havia, em conseqüência, seres mais avançados do que os mais avançados entre nós, e outros ainda mais atrasados que os nossos selvagens. Desde então o horizonte intelectual e moral ampliou-se, como sucedeu com nosso horizonte terrestre, quando foi descoberta a quarta parte do mundo; aos nossos olhos, o poder e a majestade de Deus cresceram do finito ao infinito. Dessa forma, ficaram explicadas as contradições da linguagem dos Espíritos, porquanto se compreendeu que seres inferiores, sob todos os pontos de vista, não poderiam pensar nem se exprimir como se superiores fossem; conseqüentemente, não podiam saber tudo nem tudo compreender, devendo Deus revelar aos eleitos somente o conhecimento dos mistérios, que a ignorância jamais alcançaria.

Traçada pelos próprios Espíritos e pela observação dos fatos, a escala espírita dá-nos a chave de todas as aparentes anomalias da linguagem dos Espíritos. É preciso chegar, pela força do hábito, a conhecê-los, a bem dizer, à primeira vista, e poder assinalar-lhes a classe de acordo com a natureza de suas manifestações. É preciso dizer, por necessidade, a um que é mentiroso, a outro que é hipócrita, a esse que é mau, àquele que é faccioso, etc., sem se deixar levar nem pela sua arrogância, nem pelas suas bravatas, nem pelas suas ameaças, nem pelos seus sofismas, nem mesmo pelas suas *lisonjas*. É o meio de afastar essa turba que, incessantemente, pulula à nossa volta, e que se afasta quando sabemos atrair somente os Espíritos

verdadeiramente bons e sérios, de maneira idêntica à que procedemos em relação aos vivos. Serão seres ínfimos, votados à ignorância e ao mal para todo o sempre? Não, porque tal parcialidade não se conformaria nem com a justiça, nem com a bondade do Criador, que provê a existência e o bem-estar do menor inseto. É por uma sucessão de existências que eles se elevam e dEle se aproximam à medida que se tornam melhores. Esses Espíritos inferiores não conhecem de Deus senão o nome; não O vêem, nem O compreendem, da mesma forma que o último dos camponeses, isolado nos rincões mais distantes, não vê nem compreende o soberano que governa seu país.

Se estudarmos cuidadosamente o caráter próprio de cada classe de Espíritos, conceberemos facilmente que alguns deles são incapazes de fornecer ensinamentos exatos sobre o estado de seu mundo; se, além disso, considerarmos que, por sua natureza, alguns Espíritos são levianos, mentirosos, zombeteiros e malévolos, enquanto outros ainda se acham imbuídos das idéias e dos preconceitos terrestres, compreenderemos que, em suas relações conosco, podem divertir-se à nossa custa, induzir-nos propositadamente ao erro por malícia, afirmar o que não sabem, dar-nos conselhos pérfidos ou mesmo enganar-se de boa-fé, julgando as coisas conforme seu ponto de vista. Citemos uma comparação.

Suponhamos que uma colônia de habitantes da Terra um belo dia encontre meios de estabelecer-se na Lua; imaginemos essa colônia composta de diversos elementos da população de nosso globo, desde o europeu mais civilizado até o selvagem australiano. Sem dúvida os habitantes da Lua ficarão emocionados e maravilhados de poderem obter, junto a seus novos hóspedes, informações precisas sobre nosso planeta, que alguns supunham habitado, embora não tivessem certeza, considerando-se que também entre eles alguns se julgam os únicos seres do Universo. Caem sobre os recém-chegados, fazem-lhes perguntas e os sábios se apressam para publicar a história física e moral da Terra. Como não seria autêntica essa história, desde que foi obtida de testemunhas oculares? Um deles recolhe em sua casa um zelandês, que

lhe ensina que neste mundo é um banquete comer homens e que Deus o permite, desde que se sacrificam vítimas em seu nome. Na casa de outro, é um filósofo moralista que lhe fala de Sócrates e Platão, assegurando que a antropofagia é uma abominação condenável por todas as leis divinas e humanas. Aqui é um muçulmano que não se alimenta de carne humana, mas diz que a salvação é obtida matando o maior número possível de cristãos; ali é um cristão, que fala que Maomé é um impostor; mais longe, um chinês considera como bárbaros todos os demais, afirmando que Deus permite que os filhos devem ser lançados ao rio, contanto que existam em grande quantidade; um boêmio traça o quadro das delícias da vida dissoluta das capitais; um anacoreta prega a abstinência e as mortificações; um faquir indiano dilacera o corpo e durante anos se impõe sofrimento para descerrar as portas do Céu, de tal sorte que as privações de nossos mais piedosos cenobitas não passam de sensualidade. Em seguida vem um bacharel, afirmando que é a Terra que gira, e não o Sol; um camponês, dizendo que o bacharel é mentiroso, pois vê muito bem o Sol levantar-se e deitar-se todos os dias; um africano diz que faz muito calor; um esquimó, que o mar é uma planície de gelo e que só se viaja de trenó.

A política não fica atrás; uns elogiam o regime absoluto, outros a liberdade; alguém garante que a escravidão é contrária à Natureza, sendo irmãos todos os homens, já que são filhos de Deus; outro ainda, afirma que determinadas raças foram feitas para a escravidão e são muito mais felizes que no estado de liberdade, etc. Imagino os escritores selenitas bastante embaraçados para escreverem a história física, política, moral e religiosa do mundo terrestre com semelhantes documentos. “Talvez – pensarão alguns – encontraremos maior unidade entre os sábios; interroguemos esse grupo de doutores.”

Ora, um dos dois, médico da Faculdade de Paris, centro das luzes, garante que todas as moléstias têm por princípio o sangue viciado, fazendo-se necessário, pois, renová-lo por meio de sangrias, seja qual for a sua causa. “Laborais em erro, meu caro confrade – replica um segundo – o homem jamais dispõe de tanto sangue; se o



tirais, tirai-lhe a vida. Convenhamos que o sangue esteja viciado; o que fazemos quando um vaso está sujo? Não o quebramos, limpamos; então purgai, purgai, purgai até a extinção.” Tomando a palavra, diz um terceiro: “Senhores, com vossas sangrias matais os doentes; com vossos purgantes os envenenais; a Natureza é mais sábia que todos nós; deixemo-la agir e aguardemos. – Se é isso, replicam os dois primeiros, se matamos nossos doentes, vós os deixais morrer.”

A disputa começava a se inflamar quando um quarto, tomando à parte um selenita, e o conservando a sua esquerda, disse-lhe: “Não os escuteis; são todos ignorantes; nem mesmo sei por que fazem parte da Academia. Segui bem o meu raciocínio: todo doente é fraco; portanto, sofre de fraqueza nos órgãos; isso é lógica pura, ou não me conheço mais; sendo assim, é preciso que se lhe dê fortificantes; para isso não tenho senão um remédio: água fria, água fria, e não passo disso. – Curais todos os doentes? – Sempre, quando a doença não é mortal. – Com um processo assim tão infalível, pertenceis à Academia? – Já postulei três vezes minha candidatura. Pois bem! Sabeis que fui repellido por esses pretensos sábios, porque estavam certos de que eu os pulverizaria com minha água fria? – Senhor selenita, diz um novo interlocutor, puxando-o para a direita: vivemos em uma atmosfera de eletricidade; a eletricidade é o verdadeiro princípio da vida: acrescentá-la, quando não existe bastante; retirá-la, quando existe em excesso. Neutralizar uns pelos outros os fluidos contrários – eis o segredo. Faço maravilhas com meus aparelhos: lede meus anúncios e vereis!<sup>47</sup> Não chegaríamos ao fim, se quiséssemos relacionar todas as teorias contrárias que foram sucessivamente preconizadas em todos os ramos do conhecimento humano, sem excetuar as ciências exatas; entretanto, foi sobretudo nas ciências metafísicas que o campo se abriu às doutrinas mais contraditórias.

47 O leitor compreenderá que nossa crítica não visa senão os exageros em todas as coisas. Em tudo existe um lado bom; o erro consiste no exclusivismo, que o sábio judicioso sempre sabe evitar. Não temos intenção de confundir os verdadeiros sábios, dos quais a Humanidade se honra merecidamente, com os que exploram suas idéias sem discernimento; é desses que queremos falar. Nosso objetivo é unicamente demonstrar que a própria Ciência não está isenta de contradições.

Se, todavia, um homem ajuizado e de espírito – por que não os haveria na Lua? – comparar todos esses relatos incoerentes, chegará à seguinte conclusão, muito lógica: que na Terra existem regiões quentes e frias; que em certos países os homens se devoram entre si; que em outros eles matam os que não pensam do mesmo modo, tudo para a maior glória de sua divindade; finalmente, que cada um se pronuncia de acordo com os seus conhecimentos e exalta as coisas do ponto de vista de suas paixões e de seus interesses. Em suma, em quem acreditará, de preferência?

Pela linguagem reconhecerá, sem dificuldade, o verdadeiro sábio do ignorante; o homem sério do leviano; o que tem juízo daquele que raciocina em falso; não confundirá os bons e os maus sentimentos, a elevação com a baixeza, o bem com o mal. E dirá a si mesmo: “Devo ouvir tudo, escutar tudo, porque mesmo na conversa do homem mais embrutecido posso aprender alguma coisa; minha estima e minha confiança, porém, não serão conquistadas senão por aqueles que delas se mostrarem dignos.” Se essa colônia terrena deseja implantar seus costumes e usos em sua nova pátria, os sábios repelirão os conselhos que lhes parecerem perniciosos e se confiarão àqueles que julgarem mais esclarecidos, neles não vendo nem falsidade, nem mentiras, mas, ao contrário, reconhecendo seu sincero amor do bem. Agiríamos de modo diferente, se uma colônia de selenitas viesse cair na Terra? Pois bem! O que é dado aqui como suposição, torna-se realidade no que concerne aos Espíritos; se não vêm entre nós em carne e osso, nem por isso estão menos presentes de maneira oculta, transmitindo-nos os pensamentos através de seus intérpretes, isto é, dos médiuns. Quando aprendermos a conhecê-los, julgá-los-emos por sua linguagem, por seus princípios, e suas contradições nada mais terão que nos deva surpreender, porquanto vemos saberem uns aquilo que os outros ignoram; que alguns estão colocados muito embaixo, ou são ainda muito materiais para compreender e apreciar as coisas de ordem mais elevada; tal é o homem que, no sopé da montanha, não vê senão alguns passos em volta dele, enquanto o que está no alto descortina um horizonte sem limites.

A primeira fonte das contradições decorre, pois, do grau de desenvolvimento intelectual e moral dos Espíritos; porém há outras, sobre as quais é útil chamar a atenção. Dirão que passamos sobre a questão dos Espíritos inferiores, desde que assim o é; compreende-se que possam enganar-se por ignorância; todavia, como se justifica que Espíritos superiores estejam em dissidência? Que utilizem em certo país uma linguagem diferente da que empregam em outro? Finalmente, que o mesmo Espírito nem sempre seja coerente consigo mesmo?

A resposta a essa questão repousa sobre o conhecimento completo da ciência espírita, e essa ciência não pode ser ensinada em poucas palavras, porque é tão vasta quanto todas as ciências filosóficas. Como todos os ramos do conhecimento humano, só é adquirida pelo estudo e pela observação. Não podemos repetir aqui tudo quanto já publicamos sobre o assunto; a ele, pois, remetemos nossos leitores, limitando-nos a um simples resumo. Todas essas dificuldades desaparecem para quem quer que lance sobre esse terreno um olhar investigador e sem prevenção.

Provam os fatos que os Espíritos enganadores se paramentam de nomes respeitáveis, sem o menor escrúpulo, a fim de que suas torpezas sejam aceitas com mais facilidade, o que por vezes também ocorre entre nós. Pelo fato de um Espírito apresentar-se sob um nome qualquer, não significa que seja realmente aquele que pretende ser; todavia, na linguagem dos Espíritos sérios há um cunho de dignidade com o qual não se poderia equivocar: só respira bondade e benevolência, e jamais se desmente. A dos Espíritos impostores, ao contrário, seja qual for o verniz com que se apresentem, deixa sempre *a cauda exposta*<sup>48</sup>, como se diz vulgarmente. Nada há, pois, de espantoso em que os Espíritos inferiores, sob nomes usurpados, ensinem verdadeiros disparates. Compete ao observador procurar conhecer a verdade, e o pode fazer sem

48 N. do T.: Grifos nossos.

dificuldade, desde que queira compenetrar-se do que a esse respeito dissemos em nossa *Instrução Prática*.

Esses mesmos Espíritos geralmente lisonjeiam os gostos e as inclinações das pessoas, cujo caráter sabem bastante fraco e bastante crédulo para os ouvir. Fazem-se eco de seus preconceitos e, até mesmo, de suas idéias supersticiosas, por uma razão muito simples: os Espíritos são atraídos por suas simpatias pelo Espírito das pessoas que os chamam ou que os escutam com prazer.

Quanto aos Espíritos sérios, podem igualmente manter uma linguagem diferente, segundo as pessoas, mas com outro objetivo. Quando julgam útil e para melhor convencer, evitam chocar muito bruscamente as crenças enraizadas, e se exprimem segundo os tempos, os lugares e as pessoas. “Eis por que – dizem eles – não falamos a um chinês ou a um maometano, como a um cristão ou a um homem civilizado: jamais seríamos ouvidos. Algumas vezes, pois, parecemos entrar na maneira de ver das pessoas, a fim de conduzi-las pouco a pouco àquilo que queremos, desde que isso possa ser realizado sem alterar as verdades essenciais.” Não é evidente que se um Espírito quiser levar um muçulmano fanático a praticar a sublime máxima do Evangelho: “Não façais aos outros o que não gostaríeis que os outros vos fizessem”, seria repellido se dissesse que foi Jesus que a ensinou? Ora, o que vale mais, deixar ao muçulmano seu fanatismo ou torná-lo bom, fazendo com que momentaneamente acredite que fora Alá que havia falado? Eis um problema cuja solução transferimos ao leitor. Quanto a nós, parece-nos que, tornando-o mais doce e mais humano, seria ele menos fanático e mais acessível à idéia de uma nova crença do que se lha quiséssemos impor pela força. Há verdades que, para serem aceitas, não podem ser lançadas no rosto sem uma certa precaução. Quantos males teriam os homens evitado se sempre houvessem agido assim!

Como se vê, os Espíritos também tomam precauções quando falam; nesse caso, porém, a divergência está no acessório, e não no principal. Induzir os homens ao bem, destruir o egoísmo, o ódio, a inveja, o ciúme, ensinar-lhes a praticar a verdadeira caridade cristã, eis para eles o essencial; o resto virá em seu devido tempo; e tanto pregam pela palavra quanto pelo exemplo, quando se trata de Espíritos verdadeiramente bons e superiores; tudo neles respira doçura e benevolência. A irritação, a violência, a aspereza e a dureza de linguagem, mesmo que seja para dizer boas coisas, jamais denotam um sinal de verdadeira superioridade. Os Espíritos realmente bons não se irritam nem jamais se encolerizam: se não são ouvidos, vão-se embora; eis tudo.

Existem ainda duas causas de aparentes contradições que não devemos deixar passar em silêncio. Como já dissemos em muitas ocasiões, os Espíritos inferiores dizem tudo o que se quer, sem se preocuparem com a verdade; os Espíritos superiores se calam ou se recusam a responder quando lhes fazem uma pergunta indiscreta ou sobre a qual não lhes é permitido dar explicações. Dizem eles: “Neste caso, não insistais jamais, porque serão Espíritos levianos que responderão e vos enganarão; acreditais que somos nós e podeis pensar que entramos em contradição. Os Espíritos sérios não se contradizem jamais; sua linguagem é sempre a mesma com as mesmas pessoas. Se um deles diz coisas contrárias sob o mesmo nome, ficai certos de que não é o mesmo Espírito que fala ou, pelo menos, que não se trata de um Espírito bom. Reconhecereis o bom pelos princípios que ensina, pois todo Espírito que não prega o bem não é um Espírito bom, e deveis repeli-lo.”

Querendo dizer a mesma coisa em dois lugares diferentes, o mesmo Espírito não se servirá literalmente das mesmas palavras: para ele o pensamento é tudo; mas o homem, infelizmente, é levado mais a se prender à forma do que ao fundo, e é essa forma que muitas vezes interpreta ao sabor de suas idéias e paixões. Dessa interpretação podem originar-se contradições aparentes, que

igualmente têm sua fonte na insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas extra-humanas. Estudemos o fundo, perscrutemos o pensamento íntimo e veremos analogia muitas vezes onde um exame superficial nos teria mostrado um disparate.

As causas das contradições na linguagem dos Espíritos podem, pois, ser assim resumidas:

1º O grau de ignorância ou de saber dos Espíritos aos quais nos dirigimos;

2º O embuste dos Espíritos inferiores que, tomando nomes sob empréstimo podem dizer, por malícia, ignorância e maldade, o contrário do que disse alhures o Espírito cujo nome usurparam;

3º Os defeitos pessoais do médium, que podem influir sobre a pureza das comunicações e alterar ou modificar o pensamento do Espírito;

4º A insistência para obter uma resposta que um Espírito recusa dar, e que é transmitida por um Espírito inferior;

5º A própria vontade do Espírito, que fala segundo os tempos, os lugares e as pessoas, e que pode julgar conveniente não dizer tudo a toda gente;

6º A insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo incorpóreo;

7º A interpretação que cada um pode dar a uma palavra ou explicação, conforme suas idéias e preconceitos, ou o ponto de vista sob o qual encaram as coisas.

As dificuldades são tantas que não se triunfa a não ser por um estudo longo e assíduo; aliás, jamais dissemos que a ciência

espírita era uma ciência fácil. O observador sério, que se aprofunda em todas as coisas com maturidade, paciência e perseverança, capta uma porção de matizes delicados que escapam ao observador superficial. É através desses detalhes íntimos que ele se inicia nos segredos dessa ciência. A experiência ensina a conhecer os Espíritos, como ensina a conhecer os homens.

Acabamos de considerar as contradições sob o ponto de vista geral. Em outros artigos trataremos dos pontos especiais mais importantes.

## A Caridade

PELO ESPÍRITO SÃO VICENTE DE PAULO<sup>49</sup>

(Sociedade de Estudos Espíritas, sessão de 8 de junho de 1858)

Sede bons e caridosos: essa a chave dos céus, chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se contém neste preceito: “Amai-vos uns aos outros.” Não pode a alma elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo; somente nos arroubos da caridade encontra ela ventura e consolação. Sede bons, amparai os vossos irmãos, deixai de lado a horrenda chaga do egoísmo. Cumprido esse dever, abrir-se-vos-á o caminho da felicidade eterna. Ao demais, qual dentre vós ainda não sentiu o coração pulsar de júbilo, de íntima alegria, à narrativa de um ato de bela dedicação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se unicamente buscásseis a volúpia que uma ação boa proporciona, conservar-vos-feis sempre na senda do progresso espiritual. Não vos faltam os exemplos; rara é apenas a boa-vontade. Notai que a vossa História guarda piedosa lembrança de uma multidão de homens de bem. Eu vos citaria aos milhares aqueles cuja moral não tinha por objetivo senão melhorar o vosso globo.

49 **N. do T.:** Essa instrução de São Vicente de Paulo, com algumas modificações que a reduziram, foi inserida por Allan Kardec em *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Corresponde, na edição definitiva de 1866, ao capítulo XIII, item 12.

Não vos disse o Cristo tudo o que concerne às virtudes da caridade e do amor? Por que desprezar os seus ensinamentos divinos? Por que fechar o ouvido às suas divinas palavras, o coração a todos os seus bondosos preceitos? Quisera eu que dispensassem mais interesse, mais fé às leituras evangélicas. Desprezam, porém, esse livro, consideram-no repositório de palavras ocas, uma carta fechada; deixam no esquecimento esse código admirável. Vossos males provêm todos do abandono voluntário a que votais esse resumo das leis divinas. Lede-lhe as páginas cintilantes do devotamento de Jesus, e meditai-as. Eu mesmo me sinto envergonhado de ousar vos prometer um trabalho sobre a caridade, quando penso que se encontram nesse livro todos os ensinamentos que vos devem levar às regiões celestes.

Homens fortes, armai-vos; homens fracos, fazei da vossa brandura, da vossa fé, as vossas armas. Sede mais persuasivos, mais constantes na propagação da vossa nova doutrina. Apenas encorajamento é o que vos vimos dar; apenas para vos estimularmos o zelo e as virtudes é que Deus permite nos manifestemos a vós outros. Mas, se cada um o quisesse, bastaria a sua própria vontade e a ajuda de Deus; as manifestações espíritas unicamente se produzem para os de olhos fechados e corações indóceis. Há, entre vós, homens que têm a cumprir missões de amor e de caridade: escutai-os, exaltai a sua voz; fazei se resplandeçam seus méritos e sereis, vós próprios, exaltados pelo desinteresse e pela fé viva de que vos penetrarão.

As advertências detalhadas que vos deveriam ser dadas, sobre a necessidade de ampliar o círculo da caridade e nele incluir todos os infelizes, cujas misérias são ignoradas; todas as dores que, em nome dessa doutrina – caridade – se devem buscar em seus redutos para os consolar, seriam muito extensas. Vejo com satisfação que homens eminentes e poderosos auxiliam esse progresso, que deve unir todas as classes humanas: os felizes e os infelizes. Os infelizes – coisa estranha! – dão-se todos as mãos e se ajudam mutuamente em sua miséria. Por que são os felizes mais morosos em ouvir a voz do infeliz? Por que necessitamos da mão dos



poderosos da Terra para impulsionar as missões de caridade? Por que não respondemos com mais ardor a esses apelos? Por que deixamos a miséria, assim como o prazer, macular o quadro da Humanidade?

A caridade é a virtude fundamental sobre que há de repousar todo o edifício das virtudes terrenas. Sem ela não existem as outras. Sem a caridade não há esperar melhor sorte, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, pois a fé não é mais do que pura luminosidade que torna brilhante uma alma caridosa; é a sua conseqüência decisiva.

Quando deixardes que vosso coração se abra à súplica do primeiro infeliz que vos estender a mão; quando lhe derdes algo, sem questionar se sua miséria não é fingida ou se seu mal provém de um vício de que deu causa; quando abandonardes toda a justiça nas mãos divinas; quando deixardes o castigo das falsas misérias ao Criador; quando, por fim, praticardes a caridade unicamente pela felicidade que ela proporciona e sem inquirir de sua utilidade, então sereis os filhos amados de Deus e ele vos atrairá a si.

A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora da salvação; é a mais pura emanção do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada por ele à criatura. Como desprezar essa bondade suprema? Qual o coração, disso ciente, bastante perverso para recalcar em si e expulsar esse sentimento todo divino? Qual o filho bastante mau para se rebelar contra essa doce carícia: a caridade?

Não ousou falar do que fiz, porque também os Espíritos têm o pudor de suas obras; considero, porém, a que iniciei como uma das que mais hão de contribuir para o alívio dos vossos semelhantes. Vejo com freqüência os Espíritos a pedirem lhes seja dado, por missão, continuar a minha tarefa. Vejo-os, minhas bondosas e queridas irmãs, no piedoso e divino ministério; vejo-os praticando a virtude que vos recomendo, com todo o júbilo que deriva de uma existência de dedicação e sacrifícios. Imensa dita é a minha, por ver quanto lhes

honra o caráter, quão estimada e protegida é a missão que desempenham. Homens de bem, de boa e firme vontade, uni-vos para continuar amplamente a obra de propagação da caridade; no exercício mesmo dessa virtude, encontrareis a vossa recompensa; não há alegria espiritual que ela não proporcione já na vida presente. Sede unidos, amai-vos uns aos outros, segundo os preceitos do Cristo. Assim seja.

Agradecemos a São Vicente de Paulo a bela e boa comunicação que se dignou de nos dar. – Gostaria que fosse proveitosa a todos.

Permitiríeis que formulássemos algumas perguntas complementares a respeito do que acabastes de dizer?

*Resp.* – Eu o desejo muito; meu objetivo é vos esclarecer; perguntai o que quiserdes.

1. Pode-se entender a caridade de duas maneiras: a esmola propriamente dita e o amor aos semelhantes. Quando dissestes que era necessário que o coração se abrisse à súplica do infeliz que nos estendesse a mão, sem questionarmos se não seria fingida a sua miséria, não quisestes falar da caridade do ponto de vista da esmola?

*Resp.* – Sim; somente nesse parágrafo.

2. Dissestes que era preciso deixar à justiça de Deus a apreciação da falsa miséria. Parece-nos, entretanto, que dar sem discernimento às pessoas que não têm necessidade, ou que poderiam ganhar a vida num trabalho honesto, será estimular o vício e a preguiça. Se os preguiçosos encontrassem aberta com muita facilidade a bolsa dos outros, multiplicar-se-iam ao infinito, em prejuízo dos verdadeiros infelizes.

*Resp.* – Podeis discernir os que podem trabalhar e, então, a caridade vos obriga a fazer tudo para lhes proporcionar trabalho; entretanto, também existem falsos pobres, capazes de simular com habilidade misérias que não possuem; é para os tais que se deve deixar a Deus toda a justiça.

3. Aquele que não pode dar senão um centavo, e que deve escolher entre dois infelizes que lhe pedem, não tem razão de inquirir quem, de fato, tem mais necessidade, ou deve dar sem exame ao primeiro que aparecer?

*Resp.* – Deve dar ao que pareça sofrer mais.

4. Não se deve considerar também como fazendo parte da caridade o modo por que é feita?

*Resp.* – É sobretudo na maneira de fazer a caridade que está o seu maior mérito; a bondade é sempre o indício de uma bela alma.

5. Que tipo de mérito concedeis àqueles a quem chamamos de benfeitores de ocasião?

*Resp.* – Só fazem o bem pela metade. Seus benefícios não lhes aproveitam.

6. Disse Jesus: “Que vossa mão direita não saiba o que faz vossa mão esquerda.” Têm algum mérito aqueles que dão por ostentação?

*Resp.* – Apenas o mérito do orgulho, pelo que serão punidos.

7. Em sua acepção mais abrangente, a caridade cristã não compreende igualmente a doçura, a benevolência e a indulgência para com as fraquezas dos outros?

*Resp.* – Imitai Jesus; ele vos disse tudo isso. Escutai-o mais que nunca.<sup>50</sup>

8. A caridade é bem compreendida quando praticada exclusivamente entre pessoas que professam a mesma opinião ou pertencem a um mesmo partido?

*Resp.* – Não. É sobretudo o espírito de seita e de partido que se deve abolir, porquanto todos os homens são irmãos. É sobre essa questão que concentramos os nossos esforços.

50 N. do T.: Vide questão 886, de *O Livro dos Espíritos*.

9. Suponhamos que alguém vê dois homens em perigo, mas não pode salvar senão um. Qual dos dois deverá salvar, considerando-se que um deles é seu amigo e o outro é seu inimigo?

*Resp.* – Deve salvar o amigo, pois este amigo poderia acusá-lo de não gostar dele; quanto ao outro, Deus se encarregará.

## O Espírito Batedor de Dibbelsdorf

(Baixa Saxônia)

Do Dr. Kerner. Traduzido do alemão pelo Sr. Alfred Pireaux

Pondo-se de lado o seu aspecto cômico, a história do Espírito batedor de Dibbelsdorf também encerra uma parte instrutiva, como ressalta das passagens de velhos documentos, publicados em 1811 pelo pregador Capelle.

No dia 2 de dezembro de 1761, às seis horas da tarde, uma espécie de martelamento que parecia vir do chão fez-se ouvir no quarto habitado por Antoine Kettelhut. Atribuindo o episódio ao seu criado, que queria divertir-se à custa da empregada, então no quarto das fiandeiras, saiu para jogar um balde de água na cabeça do gozador, não encontrando, porém, ninguém do lado de fora. Uma hora depois, o mesmo barulho recomeçou e ele imaginou que fosse causado por um rato. Assim, no dia seguinte examinou as paredes, o teto e o assoalho, não encontrando o mais leve vestígio desse animal.

À noite, o mesmo barulho; considerou-se, então, a casa perigosa para servir de habitação, e as próprias criadas não mais quiseram permanecer no quarto durante o serão. Logo após o ruído cessou, para reproduzir-se cem passos adiante, na casa do Sr. Louis Kettelhut, irmão de Antoine, e com uma força inusitada. Era num canto do quarto que se manifestava a *coisa batedora*.

Por fim, o fenômeno se tornou suspeito aos camponeses, vindo o burgomestre a dar parte à justiça que, de início, não quis

ocupar-se de um caso que considerava ridículo. Contudo, em face das insistentes pressões dos habitantes, alguém da justiça se dirigiu a Dibbelsdorf no dia 6 de janeiro de 1762, para examinar o fato com maior atenção. Demolidas as paredes e os tetos, nenhum resultado se obteve; a família Kettelhut jurou não ter absolutamente nada a ver com aquela coisa estranha.

Até então, não se havia conversado ainda com o batedor. Armando-se de coragem, um indivíduo de Naggam pergunta: Espírito batedor, estás aqui? E um golpe se fez ouvir. – Podes dizer como me chamo? Entre diversos nomes designados, o Espírito bateu o nome do interlocutor. – Há quantos botões em minha roupa? 36 golpes foram dados. Os botões foram contados, havendo justamente 36.

A partir desse momento, a história do Espírito batedor espalhou-se nas redondezas, fazendo com que centenas de moradores de Brunswick se dirigissem à noite a Dibbelsdorf, assim como ingleses e uma porção de curiosos estrangeiros. A multidão tornou-se tão numerosa que a milícia local não a podia controlar. Os camponeses tiveram que reforçar a guarda da noite, não se permitindo entrar os visitantes senão uns após os outros.

Essa afluência de pessoas pareceu excitar o Espírito a manifestações mais extraordinárias ainda, evoluindo para determinadas formas de comunicação que atestavam a sua inteligência. Jamais se atrapalhou nas respostas: desejava-se saber o nome e a cor dos cavalos estacionados defronte da casa? Ele o indicava com precisão; abria-se um livro de canto, colocava-se o dedo ao acaso sobre uma página e perguntava-se o número do trecho de música, desconhecido até mesmo do próprio interlocutor: logo, uma série de golpes indicava perfeitamente o número designado. O Espírito não fazia esperar sua resposta, que se seguia imediatamente após a pergunta. Também dizia quantas pessoas havia no quarto, quantas estavam do lado de fora, designando a cor dos cavalos, das roupas, a posição e a profissão das pessoas.

Entre os curiosos encontrava-se um dia um homem de Hettin, completamente desconhecido em Dibbelsdorf e morando há pouco tempo em Brunswick. Pediu ao Espírito o local de seu nascimento e, a fim de o induzir em erro, citou grande número de cidades; quando chegou ao nome de Hettin, um golpe se fez ouvir. Um burguês astuto, imaginando pegar o Espírito em falta, perguntou-lhe quantas moedas possuía em seu bolso, tendo sido respondido 681, seu número exato. A um confeitiro, disse quantos biscoitos tinha feito pela manhã; a um comerciante, quantas medidas de fita havia vendido na véspera; a um outro, o total de dinheiro recebido na antevéspera pelo Correio. Era de humor bastante alegre, batendo à medida que se desejasse e, algumas vezes, tão forte que o ruído era ensurdecedor. Durante o jantar, à noite, e após as orações, ele bateu *Amém*. Esse sinal de devoção não impediu que um sacristão, revestido de um grande hábito de exorcista, tentasse desalojar o Espírito de seu canto; a conjuração, porém, fracassou.

O Espírito nada temia, mostrando-se tão sincero nas respostas ao duque reinante Charles e a seu irmão Ferdinand quanto a qualquer outra pessoa de menor condição. A história tomou, então, um rumo mais sério. O duque encarregou um médico e alguns doutores em direito para examinarem o fato. Os sábios explicaram as *batidas* pela presença de uma fonte subterrânea. Mandaram cavar um poço de oito pés de profundidade e naturalmente encontraram água, considerando-se que Dibbelsdorf está situada em região baixa; a água que jorrou inundou o quarto, mas o Espírito continuou a bater em seu canto habitual. Os homens de ciência imaginaram, então, que estavam sendo vítimas de uma mistificação, concedendo ao doméstico a honra de tomar o lugar daquele Espírito tão bem instruído. Sua intenção era enfeitiçar a criada. Todos os habitantes do vilarejo foram convidados a ficar em casa, num dia determinado; o doméstico foi mantido à vista, porque, segundo a opinião dos sábios, devia ser o culpado; mas o Espírito respondeu novamente a todas as perguntas. Reconhecido inocente, o serviçal foi posto em

liberdade. A justiça, porém, queria um autor para o delito, acusando o casal Kettelhut pelo barulho de que se queixavam, embora fossem pessoas benevolentes, honestas e irrepreensíveis em todas as coisas e tivessem procurado as autoridades desde o início das manifestações. Por meio de promessas e ameaças, uma jovem foi forçada a testemunhar contra seus patrões. Em conseqüência, foram eles presos, malgrado as retratações posteriores da mocinha e a confissão formal de que suas primeiras declarações eram falsas e lhe foram arrancadas pelos juízes. O Espírito continuou a bater; mesmo assim, o casal Kettelhut foi mantido na prisão durante três meses, sendo libertados sem indenização após o término desse prazo, muito embora os membros da comissão assim tivessem concluído o seu relatório: “Todos os meios possíveis para descobrir a causa do barulho foram infrutíferos; talvez o futuro nos esclareça algo a respeito.” – O futuro ainda nada ensinou.

O Espírito batedor manifestou-se desde o início de dezembro até março, época em que deixou de se fazer ouvir. Voltaram a pensar que o criado já incriminado devia ser o autor de todas essas peças de mau gosto; contudo, como poderia ter-se livrado das armadilhas estendidas pelos duques, juízes e tantas outras pessoas que o interrogaram?

*Observação* – Se quisermos nos referir à data em que se passaram as coisas que acabamos de narrar, e compará-las às que ocorrem em nossos dias, encontraremos uma identidade perfeita na maneira das comunicações e, até mesmo, na natureza das perguntas e respostas. Nem a América, nem nossa época descobriram os Espíritos batedores, da mesma forma que não descobriram os outros Espíritos, como o demonstraremos por inúmeros fatos autênticos, mais ou menos antigos. Há, todavia, entre os fenômenos atuais e os de outrora uma diferença capital: estes últimos eram quase todos espontâneos, ao passo que os nossos se produzem quase à vontade de certos médiuns especiais. Essa circunstância permitiu melhor estudá-los e aprofundar-lhes a

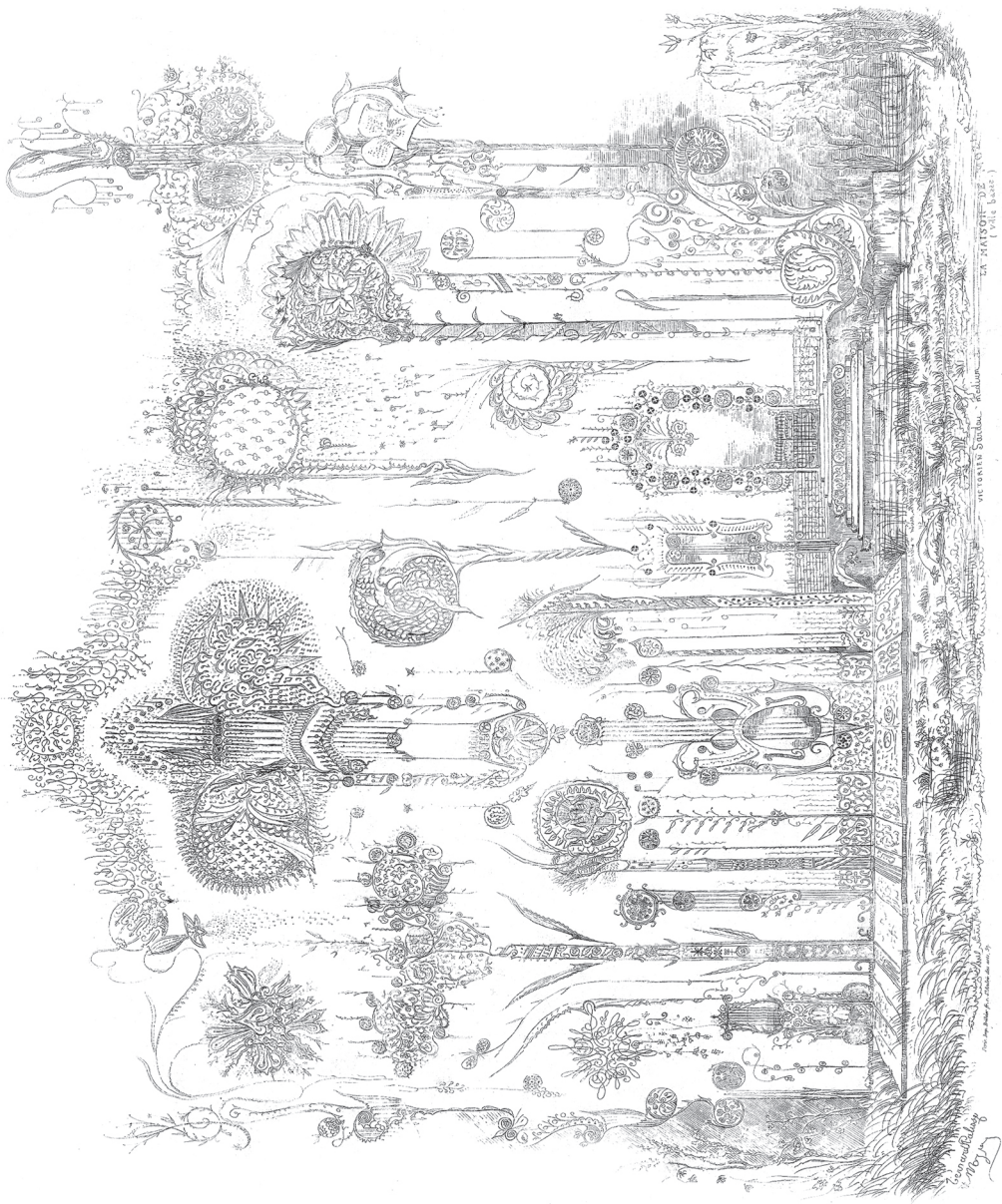
causa. A essa conclusão dos juízes: “Talvez o futuro nos esclareça algo a respeito”, hoje o autor não responderia – O futuro ainda nada ensinou. Vivesse esse autor e saberia que o futuro, ao contrário, ensinou tudo e, mais esclarecida do que há um século, a justiça de nossos dias, a propósito das manifestações espíritas, não cometeria os equívocos que recordam os cometidos na Idade Média. Nossos próprios sábios já penetraram bastante os mistérios da Natureza para não se deixarem levar pelas coisas desconhecidas; têm sagacidade suficiente para não se exporem, como fizeram seus antecessores, aos desmentidos da posteridade, em detrimento de sua reputação. Se algo desponta no horizonte, não se apressam em dizer: “Não é nada”, por temer que esse nada seja um navio. Se não o vêem, calam-se e esperam: eis aí a verdadeira sabedoria.

## Observações a Propósito dos Desenhos de Júpiter

Estamos inserindo neste número da Revista, conforme havíamos anunciado, o desenho<sup>51</sup> de uma habitação de Júpiter, executado e gravado pelo Sr. Victorien Sardou como médium, ao qual acrescentamos o artigo descritivo que teve a gentileza de escrever a respeito. Seja qual for, sobre a autenticidade dessas descrições, a opinião dos que nos poderiam acusar de nos ocuparmos do que acontece nos mundos desconhecidos, quando há tanto o que fazer na Terra, rogamos aos nossos leitores não perderem de vista que o nosso objetivo, como o indica o subtítulo da revista é, antes de tudo, o estudo dos fenômenos, nada devendo, portanto, ser negligenciado. Ora, como fato de manifestação, esses desenhos são, incontestavelmente, os mais notáveis, se considerarmos que o autor não sabe desenhar nem gravar, e que o desenho que oferecemos foi por ele gravado em água forte, sem

51 **N. do T.:** Vide reprodução fotográfica do desenho referido na página seguinte, em tamanho reduzido. (Este fac-símile deixou de ser publicado nas reimpressões posteriores da *Revista Espírita* de 1858.)





THE STATIONER'S OFFICE, 15, N. BROADWAY, N.Y.

FOR THE AUTHOR, BY THE ENGRAVER, 1857.

W. H. B. & CO. ENGRAVERS, 15, N. BROADWAY, N.Y.



modelo nem ensaio prévio, em *nove* horas. Supondo que esse desenho seja uma fantasia do Espírito que o traçou, o simples fato de sua execução não seria um fenômeno menos digno de atenção e, a esse título, cabe à nossa coletânea torná-lo conhecido, bem como a descrição que dele nos deram os Espíritos, não para satisfazer à vã curiosidade das pessoas fúteis, mas como objeto de estudo para quantos desejarem aprofundar-se em todos os mistérios da ciência espírita. Incorreria em erro quem acreditasse que fazemos da revelação de mundos desconhecidos o objeto capital da doutrina; para nós isso não constituiria senão um acessório, que julgamos útil como complemento de estudo. Para nós, o essencial será sempre o ensinamento moral, de sorte que procuramos, nas comunicações do além-túmulo, sobretudo aquilo que possa esclarecer a Humanidade e conduzi-la ao bem, único meio de lhe assegurar a felicidade neste e no outro mundo. Não se poderia dizer o mesmo dos astrônomos, que igualmente sondam os espaços, e perguntar qual seria a utilidade, para o bem da Humanidade, saberem calcular com precisão rigorosa a parábola de um astro invisível? Nem todas as ciências têm um interesse eminentemente prático; entretanto, a ninguém ocorre tratá-las com desdém, porque tudo que amplia o círculo das idéias contribui para o progresso. Dá-se o mesmo com as comunicações espíritas, ainda que escapem ao círculo acanhado da nossa personalidade.

## Habitações do Planeta Júpiter

Se há um fato que gera perplexidade entre certas pessoas convencidas da existência dos Espíritos – não nos ocuparemos aqui das outras – é seguramente a existência de habitações em suas cidades, tal como ocorre entre nós. Não me pouparam de críticas: “Casas de Espíritos em Júpiter!... Que gozação!...” – Que seja, nada tenho a ver com isso. Se o leitor aqui não encontra, na verossimilhança das explicações, uma prova suficiente de sua

veracidade; se, como nós, não se surpreende com a perfeita concordância das revelações espíritas com os dados mais positivos da ciência astronômica; numa palavra, se não vê senão uma hábil mistificação nos detalhes que se seguem e no desenho que os acompanha, eu o convido a pedir explicação aos Espíritos, de quem sou apenas o instrumento e o eco fiel. Que ele evoque Palissy ou Mozart, ou outro habitante desse mundo bem-aventurado; que sejam interrogados, que minhas afirmações sejam controladas pelas suas; que, enfim, discutam com eles. Quanto a mim, apenas apresento o que me foi dado, repetindo somente o que me foi dito. E, por esse papel absolutamente passivo, creio-me ao abrigo tanto da censura quanto do elogio.

Feita essa ressalva, e uma vez admitida a confiança nos Espíritos, se se aceitar como verdadeira a única doutrina realmente bela e sábia que a evocação dos Espíritos nos revelou até aqui, isto é, a migração das almas de planeta em planeta, suas encarnações sucessivas e seu progresso incessante pelo trabalho, as habitações de Júpiter não nos deverão mais causar admiração. Desde que o Espírito se encarna num mundo submetido, como o nosso, a uma dupla revolução, isto é, à alternativa de dias e noites e ao retorno periódico das estações; desde que tenha um corpo, por mais frágil seja esse envoltório material, não reclama apenas alimentação e vestuário, mas, também, um abrigo ou, pelo menos, um local de repouso, conseqüentemente uma casa. Com efeito, foi exatamente isso que nos disseram. Como nós, e melhor que nós, os habitantes de Júpiter têm seus lares comuns e suas famílias, grupos harmoniosos de Espíritos simpáticos, unidos no triunfo depois de o haverem sido na luta. Daí as moradas tão espaçosas, que podemos chamar, mercidamente, de *palácios*. Como nós, ainda, esses Espíritos têm suas festas, suas cerimônias, suas reuniões públicas, o que explica a existência de edifícios especialmente destinados a essas finalidades. Finalmente, devemos encontrar nessas regiões superiores toda uma Humanidade, ativa e laboriosa como a nossa, como nós submetida a leis, necessidades e deveres, com a só diferença de que o progresso,

rebelde aos nossos esforços, torna-se conquista fácil para os Espíritos que já se despojaram de nossos vícios terrestres.

Não deveria ocupar-me aqui senão da arquitetura de suas habitações; contudo, para a exata compreensão dos detalhes que se seguem, uma palavra de explicação não será inútil. Se Júpiter só é acessível aos Espíritos bons, daí não se segue que sejam excelentes no mesmo grau todos os seus habitantes: entre a bondade do simples e o homem de gênio, é permitido contar vários matizes. Ora, toda a organização social desse mundo superior repousa precisamente sobre as variedades de inteligência e de aptidões, cabendo aos Espíritos superiores, aos mais depurados, por efeito de leis harmoniosas cuja explicação seria muito longa apresentar aqui, a alta direção de seu planeta. Essa supremacia não se detém aí, estendendo-se até os mundos inferiores, onde esses Espíritos, por sua influência, favorecem e ativam incessantemente o progresso religioso, gerador dos demais. É preciso acrescentar que para esses Espíritos depurados não haveria senão trabalhos intelectuais, pois suas atividades só se exercem no domínio do pensamento e eles já conquistaram bastante império sobre a matéria para não serem senão debilmente entravados por ela no livre exercício de sua vontade. O corpo desses Espíritos, como aliás o de todos os que habitam Júpiter, é de uma densidade tão leve que só encontra termo de comparação nos fluidos imponderáveis: um pouco maior do que o nosso, do qual reproduz exatamente a forma, embora mais pura e mais bela, ele se nos apresentaria sob a aparência de um vapor, termo que emprego a contragosto, por designar uma substância ainda muito grosseira; de um vapor, dizia eu, impalpável e luminoso... luminoso sobretudo nos contornos do rosto e da cabeça, porquanto ali a inteligência e a vida irradiam-se como um foco muito ardente. E é justamente esse brilho magnético, entrevisto pelos visionários cristãos, que nossos pintores traduziram pelo nimbo ou auréola dos santos.

Compreende-se que um tal corpo em nada dificulte as comunicações extramundanas desses Espíritos, permitindo-lhes, em

seu planeta, um deslocamento pronto e fácil. Ele se subtrai tão facilmente à atração planetária, e sua densidade difere tão pouco daquela da atmosfera, que nela pode agitar-se, ir e vir, descer ou subir ao capricho do Espírito e sem outro esforço senão a vontade. Assim, algumas personagens que Palissy teve a gentileza de me fazer desenhar estão representados tocando o solo levemente ou a superfície das águas, ou ainda bastante elevadas no ar, com inteira liberdade de ação e de movimentos que atribuímos aos anjos. Quanto mais depurado o Espírito, tanto mais fácil é essa locomoção, o que se concebe sem dificuldade; nada também é mais fácil aos habitantes do planeta do que avaliar, logo à primeira vista, o valor de um Espírito que passa; dois sinais falarão por ele: a altura de seu vôo e a luz mais ou menos brilhante de sua auréola.

Em Júpiter, como em toda parte, os que alçam vôos mais altos são os mais raros; abaixo deles, é preciso contar várias camadas de Espíritos inferiores, tanto em virtude quanto em poder, mas naturalmente livres para os igualarem um dia, quando se aperfeiçoarem. Escalonados e classificados conforme os seus méritos, estes se dedicam mais particularmente aos trabalhos que interessam ao próprio planeta, não exercendo, sobre os mundos inferiores, a autoridade toda poderosa dos primeiros. É verdade que respondem a uma evocação, através de revelações sábias e boas, mas, pela presteza que demonstram em nos deixar e pelo laconismo de suas palavras, é fácil compreender que têm muito o que fazer em outra parte, e que não se encontram ainda suficientemente desprendidos para se fazerem irradiar simultaneamente em dois pontos tão distantes um do outro. Enfim, seguindo os menos perfeitos desses Espíritos, mas deles separados por um abismo, vêm os animais que, como únicos serviçais e únicos trabalhadores do planeta, merecem uma menção toda especial.

Se designamos pelo nome de *animais* os seres bizarros que ocupam a base da escala, é porque os próprios Espíritos o utilizaram e também em razão de nossa língua não dispor de melhor

termo para nos oferecer. Essa designação os avilta bastante; chamá-los, porém, de homens seria conceder-lhes muita honra; de fato, são Espíritos votados à animalidade, talvez por muito tempo ou, quem sabe, para sempre. Contudo, nem todos os Espíritos são concordes com esse ponto e a solução do problema parece pertencer a mundos mais elevados que Júpiter; seja qual for o seu futuro, entretanto, não há equívocos sobre o seu passado. Antes de ir para lá, esses Espíritos emigraram sucessivamente em nossos mundos inferiores, do corpo de um ao de outro animal, através de uma escala de aperfeiçoamento perfeitamente graduada. O estudo atento de nossos animais terrestres, seus costumes, suas características individuais, sua ferocidade longe do homem e sua domesticação lenta, mas sempre possível, tudo indica suficientemente a realidade dessa ascensão animal.

Desse modo, para qualquer lado que nos voltemos, a harmonia do Universo se resume sempre em uma única lei: o *progresso*, por toda parte e para todos, para o animal como para a planta, para planta como para o mineral; progresso puramente material, a princípio, nas moléculas insensíveis do metal ou do calhau, para tornar-se cada vez mais inteligente à medida que ascendemos à escala dos seres e que a individualidade tende a desembaraçar-se da massa, a afirmar-se, a conhecer-se. Pensamento elevado e consolador, jamais imaginado antes, porquanto nos prova que nada é sacrificado, que a recompensa é sempre proporcional ao progresso realizado; o devotamento do cão, por exemplo, que morre pelo dono, não é estéril para o seu Espírito, cujo salário justo haverá de receber além deste mundo.

É o caso dos Espíritos animais que povoam Júpiter; eles se aperfeiçoaram ao mesmo tempo que nós, conosco e com o nosso auxílio. A lei é mais admirável ainda: faz tão bem de seu devotamento ao homem a primeira condição de sua ascensão planetária, que a vontade de um Espírito de Júpiter pode chamar a si todo animal que, numa de suas vidas anteriores, lhe haja dado

provas de afeição. Essas simpatias, que lá no alto formam famílias de Espíritos, também agrupam em torno das famílias todo um cortejo de animais devotados. Em conseqüência, nosso apego neste mundo por um animal, o cuidado que tomamos de domesticá-lo e de humanizá-lo, tudo isso tem sua razão de ser, tudo será pago: é um bom ajudante que preparamos antecipadamente para um mundo melhor.

Será assim um operário, porquanto aos seus semelhantes está reservado todo trabalho material, toda tarefa corporal: carga ou obras pesadas, sementeira ou colheita. E para tudo isso a Suprema Inteligência preparou um corpo que participa ao mesmo tempo das vantagens do animal e do homem. Podemos fazer uma avaliação pelo esboço de Palissy, representando alguns desses animais muito aplicados em jogar bola. Eu não os poderia melhor comparar senão aos faunos e aos sátiros da Fábula; o corpo, levemente peludo é, entretanto, aprumado como o nosso; entre alguns as patas desapareceram, dando lugar a certas pernas que ainda lembram a forma primitiva, os dois braços robustos, singularmente implantados e terminados por verdadeiras mãos, se levarmos em conta a oposição dos polegares. Coisa bizarra: a cabeça não é tão aperfeiçoada quanto o resto! Dessa forma, a fisionomia reflete bem alguma coisa de humano, mas o crânio, o maxilar e, sobretudo, a orelha não apresentam diferenças sensíveis em relação aos animais terrestres. É, pois, fácil distingui-los entre si: este é um cão, aquele é um leão. Convenientemente vestidos com blusas e vestes muito semelhantes às nossas, eles só faltam falar para lembrar de bem perto certos homens daqui; eis precisamente o que lhes falta e que não poderiam fazer. Hábeis para se entenderem entre si, por meio de uma linguagem que nada tem da nossa, não mais se enganam sobre as intenções dos Espíritos que os comandam: basta um olhar, um gesto. A certos abalos magnéticos, dos quais nossos domadores de bestas já conhecem o segredo, o animal advinha e obedece sem murmurar e, melhor ainda, com *boa vontade*, porque está fascinado. É desse modo que lhe é imposta toda a tarefa pesada e que, com seu auxílio, tudo



funciona regularmente de um extremo ao outro da escala social: o Espírito elevado pensa e delibera, o espírito inferior age com sua própria iniciativa e o animal executa. Assim, a concepção, a execução e o fato se unem numa mesma harmonia, levando todas as coisas a uma solução mais rápida, pelos meios mais simples e mais seguros.

Pedimos desculpas por essa digressão: ela era indispensável ao assunto que agora podemos abordar.

Enquanto aguardamos as cartas prometidas, que facilitarão singularmente o estudo de todo o planeta, podemos, pelas descrições feitas pelos Espíritos, fazer uma idéia de sua grande cidade, da cidade por excelência, desse foco de luz e de atividade que eles concordam estranhamente em designar pelo nome latino de *Julnius*.

“No maior de nossos continentes – diz Palissy – em um vale de setecentas a oitocentas léguas de largura, para contar como vós, um rio magnífico desce das montanhas do norte e, engrossado por uma porção de torrentes e de ribeirões, forma em seu percurso sete ou oito lagos, dos quais o menor mereceria entre vós o nome de *mar*. Foi sobre as margens do maior desses lagos, por nós batizado com o nome de *Pérola*, que nossos antepassados lançaram os primeiros fundamentos de *Julnius*. Essa cidade primitiva ainda existe, venerada e guardada como preciosa relíquia. Sua arquitetura difere muito da vossa. Explicar-vos-ei tudo isso em seu devido tempo; por ora ficai sabendo que a cidade moderna está apenas a algumas centenas de metros abaixo da antiga. Limitado entre altas montanhas, o lago se derrama no vale por oito enormes cataratas, que formam outras tantas correntes isoladas e dispersas em todos os sentidos. Com o auxílio dessas correntes, cavamos na planície uma porção de riachos, canais e pequenos lagos, reservando a terra firme apenas para nossas casas e jardins. Disso resultou uma espécie de cidade anfíbia, como vossa Veneza e da qual, à primeira vista, não se poderia dizer se está construída na terra ou sobre a água. Nada vos direi hoje de quatro edifícios sagrados, construídos sobre a própria vertente das cataratas,

de sorte que a água jorra aos borbotões de seus pórticos: são obras que vos pareceriam incríveis em grandeza e em ousadia.

“É a cidade *terrestre* que descrevo aqui, de certo modo material, a cidade das ocupações planetárias, a que chamamos, enfim, de *Cidade baixa*. Tem suas ruas ou, melhor dizendo, seus caminhos traçados para o serviço interno; tem suas praças públicas, seus pórticos e suas pontes lançadas sobre canais para a passagem dos serviçais. Mas a cidade inteligente, a cidade espiritual, a verdadeira Julnius, finalmente, não se encontra na Terra: é preciso que se a procure no ar.

“O corpo material dos animais incapazes de voar <sup>52</sup> necessita de terra firme; mas o que o nosso corpo fluídico e luminoso exige é uma habitação aérea como ele, quase impalpável e móvel, a nosso bel-prazer. Nossa habilidade resolveu esse problema, auxiliada pelo tempo e pelas condições privilegiadas que o Grande Arquiteto nos havia concedido. Compreende bem que essa conquista dos ares era indispensável a Espíritos como os nossos. Nosso dia tem a duração de cinco horas, e nossa noite igualmente dura o mesmo tempo; mas tudo é relativo e, para seres aptos a pensar e a agir como o fazemos, para Espíritos que se compreendem pela linguagem dos olhos e que sabem comunicar-se magneticamente a distância, nosso dia de cinco horas já igualaria uma de vossas semanas. Em nossa opinião era ainda muito pouco; e a imobilidade da morada, o ponto fixo do lar eram um entrave para todas as nossas grandes obras. Hoje, pelo deslocamento rápido dessas moradas de pássaros, pela possibilidade de nos transportarmos, bem como os nossos, a tal ou qual endereço do planeta e à hora do dia que nos apraza, nossa existência pelo menos dobrou e, com ela, tudo quanto se possa conceber de útil e de grandioso.

52 Entretanto, faz-se necessário excetuar certos animais providos de asas, reservados para os serviços aéreos e para as tarefas que, entre nós, exigiriam a utilização de vigamentos para construção. É uma transformação da ave, como os animais descritos acima resultam de uma transformação dos quadrúpedes.

“Em determinadas épocas do ano – aduz o Espírito – em certas festas, por exemplo, verás aqui o céu obscurecido pela nuvem de habitações que nos vem de todos os pontos do horizonte. É um curioso agregado de moradias esbeltas, graciosas, leves, de todas as formas, de todas as cores, equilibradas em diferentes alturas e continuamente em marcha, da *cidade baixa* para a *cidade celeste*: alguns dias depois, faz-se o vácuo pouco a pouco e todos esses pássaros desaparecem.

“Nada falta nessas moradas flutuantes, nem mesmo o encanto da verdura e das flores. Refiro-me a uma vegetação que não encontra paralelo entre vós, de plantas e até de arbustos que, pela natureza de seus órgãos, respiram, alimentam-se, vivem e se reproduzem no ar.

“Temos – diz ainda o mesmo Espírito – esses tufos de flores enormes, cujas formas e matizes nem podeis imaginar, e de uma leveza de tecido tão delicada que os torna quase transparentes. Balançando no ar, sustentados por grandes folhas e munidos de gavinhas semelhantes às da videira, reúnem-se em nuvens de mil tonalidades ou se dispersam ao sabor do vento, oferecendo um espetáculo encantador aos viandantes da *cidade baixa*... Imagina a graça dessas jangadas de verdura, desses jardins flutuantes que nossa vontade pode fazer e desfazer e que, algumas vezes, duram toda uma estação! Longas feiras de lianas e de ramos floridos destacam-se dessas alturas e se dependuram até o solo; cachos enormes se agitam, despetalando-se e liberando perfume... Os Espíritos que se deslocam no ar param à sua passagem: é um lugar de repouso e de encontro, ou, se quisermos, um meio de transporte para terminar a viagem sem fadiga e em boa companhia.”

Um outro Espírito estava sentado sobre uma dessas flores no momento em que o evoquei. Disse-me ele: “Neste instante é noite em Julnius, e me encontro sentado a distância sobre uma dessas flores aéreas que aqui desabrocham somente à claridade de

nossas luas. Sob meus pés, toda a *cidade baixa* está entregue ao sono; sobre minha cabeça e ao meu redor, contudo, e a perder de vista, não há senão movimento e alegria no espaço. Dormimos pouco: nossa alma encontra-se muito desprendida para que as necessidades do corpo a tiranizem, e a noite é feita mais para os nossos servos do que para nós. É a hora das visitas e das longas conversas, dos passeios solitários, dos devaneios, da música... Só vejo moradas aéreas, resplandecentes de luz, ou guirlandas de folhas e flores carregadas de bandos alegres... A primeira de nossas lua ilumina toda a *cidade baixa*: é uma luz suave, comparável à dos vossos luares; mas, ao lado do lago, a segunda se eleva, emitindo reflexos esverdeados que dão a todo o rio o aspecto de um vasto prado...”

É sobre a margem direita desse rio, diz o Espírito, “cuja água te ofereceria a consistência de um leve vapor”<sup>53</sup>, que está construída a casa de Mozart, que por meu intermédio Palissy houve por bem reproduzir sobre o cobre. Só apresento aqui a fachada sul. A grande entrada fica à esquerda, dando para a planície; à direita fica o rio; os jardins estão localizados ao norte e ao sul. Perguntei a Mozart quais eram seus vizinhos. – “Mais acima – disse ele – e mais embaixo, dois Espíritos que não conheces; mais à esquerda, apenas uma grande campina me separa do jardim de Cervantes.”

Como as nossas, portanto, a casa tem quatro faces, laborando em erro se disse fizessemos uma regra geral. É construída com certa pedra que os animais extraem das pedreiras do norte e cuja cor o Espírito compara a esses tons esverdeados que muitas vezes toma o azul do céu no momento em que o sol se põe. Quanto à sua rigidez, podemos fazer uma idéia por essa observação de Palissy: “que ela se fundiria sob a pressão de nossos dedos humanos tão depressa quanto um floco de neve; mesmo assim, ainda é uma

53 Sendo de 0,23 a densidade de Júpiter, isto é, pouco menos de um quarto da densidade da Terra, o Espírito nada diz que não seja verossímil. Concebe-se que tudo é relativo e que nesse globo etéreo, como ele próprio, tudo seja etéreo.

das matérias mais resistentes do planeta! Nessas paredes os Espíritos esculpiram ou incrustaram estranhos arabescos, que o desenho procura reproduzir. São ornamentos gravados na pedra e coloridos em seguida, ou incrustações que restabelecem a solidez da pedra verde, através de um processo que no momento desfruta de grande popularidade e que nos vegetais conserva toda a graça de seus contornos, toda a delicadeza de seus tecidos, toda a riqueza de seu colorido. E o Espírito acrescenta: “Uma descoberta que fareis qualquer dia e que entre vós mudará muita coisa.”

A grande janela da direita apresenta um exemplo desse gênero de ornamentação: um de seus bordos nada mais é que uma enorme cana, cujas folhas foram conservadas. O mesmo ocorre no coroamento da janela principal, que afeta a forma da clave de sol: são plantas sarmentosas, enlaçadas e incrustadas. É por esse processo que eles obtêm a maior parte do coroamento dos edifícios, portões, balaústres, etc. Muitas vezes a planta é colocada na parede com as raízes e em condições de crescer livremente. Cresce e se desenvolve; suas flores desabrocham ao acaso, e o artista não as incrustou no lugar senão quando adquiriram todo o desenvolvimento requerido para a ornamentação do edifício: a casa de Palissy é decorada quase inteiramente dessa maneira.

Destinados inicialmente apenas aos móveis, depois às molduras de portas e janelas, esse gênero de ornamentos aperfeiçoou-se pouco a pouco e acabou por invadir toda a arquitetura. Hoje, não se incrusta somente as flores e os arbustos, mas a própria árvore, da raiz até a copa; e os palácios, como os edifícios, praticamente não têm outras colunas.

Uma incrustação da mesma natureza serve também para decorar as janelas. Flores ou folhas muito grandes são habilmente despojadas de sua parte carnuda, restando apenas um feixe de fibras tão finas quanto a mais fina musselina. Cristalizam-nas; e dessas folhas reunidas com arte constrói-se uma janela inteira, que apenas

filtra para o interior uma luz muito suave; ou, ainda, são revestidas de uma espécie de vidro líquüfeito e colorido de todos os matizes que se cristaliza no ar, transformando a folha numa espécie de vidraça. Da disposição dessas folhas nas janelas resultam encantadores buquês, transparentes e luminosos!

Quanto às dimensões dessa aberturas e a mil outros detalhes que podem surpreender à primeira vista, vejo-me forçado a adiar a explicação: a história da arquitetura em Júpiter demandaria um volume inteiro. Renuncio também a falar sobre o mobiliário para aqui me ater tão-somente à disposição geral da casa.

O leitor deve ter compreendido, de tudo que precede, que a casa do continente não deve ser para o Espírito mais que uma espécie de pousada provisória. A *cidade baixa* quase que só é freqüentada por Espíritos de segunda ordem, encarregados dos interesses planetários – da agricultura, por exemplo, ou das trocas, e da boa ordem que deve ser mantida entre os serviçais. Dessa forma, todas as casas situadas no solo só dispõem do térreo e do andar superior: um destinado aos Espíritos que atuam sob a direção do senhor, e acessível aos animais; o outro, reservado tão-somente ao Espírito, que aí reside apenas ocasionalmente. É isso que explica o fato de vermos, nas diversas habitações de Júpiter, nesta, por exemplo, e na de Zoroastro, uma escadaria e, até mesmo, uma rampa. Aquele que rasa a água, como a andorinha, e que pode correr sobre as hastes do trigo sem as curvar, passa muito bem sem a escadaria e sem a rampa para penetrar em sua casa; mas os Espíritos inferiores não têm o vôo tão fácil; não se elevam senão aos solavancos e nem sempre a rampa lhes é inútil. Enfim, a escadaria é de absoluta necessidade para os animais-serviçais, que apenas caminham como nós. Estes últimos têm seus pavilhões, aliás muito elegantes, e que fazem parte de todas as grandes habitações; mas suas funções os chamam, constantemente, à casa do senhor: é necessário facilitar-lhes a entrada e o percurso interior. Daí essas construções bizarras, cuja base lembra muito nossos

edifícios terrestres, mas deles diferindo por completo na parte superior.

Esta se distingue, sobretudo, por uma originalidade que seríamos absolutamente incapazes de imitar. É uma espécie de flecha aérea que se balança no alto do edifício, acima da grande janela e de seu singular coroamento. Esse frágil mastarêu, fácil de ser deslocado, destina-se, no pensamento do artista, a não deixar o lugar que lhe está assinalado porque, sem se apoiar em coisa alguma na parte superior, complementa-lhe a decoração; lamento que a dimensão da prancha não lhe tenha permitido encontrar um lugar aí. Quanto à morada aérea de Mozart, apenas constato a sua existência: os limites deste artigo não permitem que me estenda sobre este assunto.

Não terminarei, entretanto, sem dar explicações a propósito do gênero de ornamentos que o grande artista escolheu para sua morada. Nele é fácil reconhecer a lembrança de nossa música terrestre: a clave de sol é ali freqüentemente reproduzida e, coisa bizarra, jamais a clave de fá! Na decoração do térreo, encontramos um arco, uma espécie de tiorba ou bandolim, uma lira e uma pauta completa de música. Mais alto, é uma grande janela que lembra vagamente a forma de um órgão; as outras têm a aparência de grandes notas, enquanto notas menores são abundantes por toda a fachada.

Seria erro concluir que a música de Júpiter seja comparável à nossa, e que se represente pelos mesmos sinais: Mozart explicou-se sobre isso, de maneira a não deixar qualquer dúvida; mas na decoração de suas casas os Espíritos lembram, com prazer, a missão terrestre que lhes fez merecer a encarnação em Júpiter e que melhor resume o caráter de sua inteligência. Assim, na residência de Zoroastro, os astros e a chama constituem os únicos detalhes da decoração.

Há mais; parece que esse simbolismo tem suas regras e seus segredos. Nem todos esses ornamentos estão dispostos ao acaso: têm sua ordem lógica e sua significação precisa; mas é uma arte que os Espíritos de Júpiter renunciam a nos fazer entender, pelo menos até hoje, e sobre a qual não se explicam de bom grado. Nossos velhos arquitetos também empregaram o simbolismo na decoração de suas catedrais; a torre de Saint-Jacques não passa de um poema hermético, a acreditarmos na tradição. Nada há, pois, para nos admirarmos da originalidade da decoração arquitetônica em Júpiter: se contradiz nossas idéias sobre a arte humana é que, com efeito, existe um completo abismo entre uma arquitetura que vive e fala, e o primitivismo da nossa, que nada exprime. Nisso, como em qualquer outra coisa, a prudência nos proíbe esse erro do relativo, que quer tudo reduzir às proporções e aos hábitos do homem terreno. Se os habitantes de Júpiter morassem como nós, comessem, vivessem, dormissem e andassem como nós, não haveria grande vantagem em ascender até lá. É justamente porque seu planeta difere bastante do nosso que desejamos conhecê-lo e com ele sonhar como nossa futura morada!

De minha parte, não terei perdido tempo e serei muito feliz por me haverem os Espíritos escolhido como intérprete, se seus desenhos e inscrições inspirarem a um só crente o desejo de subir mais rápido para Julnius, e a coragem de tudo fazer para o conseguir.

*Victorien Sardou.*

O autor dessa interessante descrição é um desses adeptos fervorosos e *esclarecidos*, que não temem confessar altivamente suas crenças e se colocam acima da crítica das pessoas que não acreditam em nada que escape do seu círculo de idéias. Ligar o nome a uma doutrina nova, afrontando os sarcasmos, é uma coragem que não é dada a todo mundo; por isso, felicitamos o Sr. V. Sardou. Seu trabalho revela o distinto escritor que, embora ainda



jovem, já conquistou um honroso lugar na literatura, aliando ao talento de escrever os conhecimentos profundos de um sábio, prova evidente de que o Espiritismo não recruta seus prosélitos entre os tolos e os ignorantes. Fazemos votos por que o Sr. Sardou complete o mais breve possível o seu trabalho, em tão boa hora iniciado. Se os astrônomos nos desvelam, por suas sábias pesquisas, o mecanismo do Universo, por suas revelações os Espíritos nos dão a conhecer o seu estado moral, e isso, como dizem, objetivando estimular-nos ao bem, a fim de merecermos uma existência melhor.

*Allan Kardec*

